

Arcaísmos Léxicos da Região de Turmalina

CAROLINA DO SOCORRO ANTUNES SANTOS

I — INTRODUÇÃO

Dois motivos estimularam a escolha e o desenvolvimento deste trabalho. O primeiro diz respeito ao interesse que os estudos dialetológicos sempre me despertam; o segundo, de certa forma, integra o primeiro, pois que representa uma tentativa de aprendizagem de pesquisa no terreno dialetal.

Dentre as várias palavras coletadas para a realização desta atividade, foram escolhidas as que se seguem, pelo simples fato de serem as mais freqüentemente ouvidas em Turmalina, pequena localidade do Vale do Jequitinhonha, onde fiz a minha pesquisa. Os seus falantes (informantes), segundo Ada Natal Rodrigues, em *O Dialeto Caipira na Região de Piracicaba*, se enquadram em todas (ou quase todas) as normas consagradas em pesquisas dialetais, ou seja:

- a) estão dentro de faixas etárias acima de 25 anos;
- b) são naturais da região e lá residem;
- c) são analfabetos ou têm o curso primário incompleto;
- d) quase não viajam.

Para constatação e esclarecimento acerca destes vocábulos, foram ouvidos quatro informantes (dois deles também usuários de alguns dos termos selecionados) residentes na zona urbana, mas que têm um convívio bem sugestivo com o povo da zona rural. São eles: um médico nascido em Turmalina e que lá clinica desde 1945; um sitiante que também é secretário da Prefeitura Municipal; uma ex-costureira da gente rural, mas que com ela ainda mantém contatos de amizade, e uma senhora de 70 anos, tida como possuidora de memória privilegiada e considerada hábil contadora de histórias do tempo antigo.

Nesse trabalho, o estudo em questão poderá, inegavelmente, ser rotulado de breve e simples. A maneira de dicionário, farei a apresentação da palavra, identificando-a segundo a sua classe e, em seguida, indicarei a sua significação, enfatizando, evidentemente, o(s) sentido(s) em que ela é usada na região. Por último farei a análise da formação da palavra, tendo em vista as considerações expostas no item II.

II — CONSIDERAÇÕES SOBRE OS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Não é meu objetivo apresentar um estudo prolongado dos processos de formação de palavras em português. A sua abordagem aqui se deve unicamente à necessidade de um estabelecimento de pontos de vista sobre os referidos processos, uma vez que os nossos gramáticos nem sempre estão assentes em relação a alguns aspectos dos mesmos.

Assim, Gladstone Chaves de Melo¹ indica três processos de formação de palavras: **derivação**, **composição** e **mudança de classe**. A essência do primeiro é a **filiação** (a qual se encontra na relação de parentesco entre o derivado e o derivante) e, da segunda, é a **combinação**, conforme constatamos pela sua definição de **composição**, como o processo pelo qual se juntam dois ou mais vocábulos de vida autônoma na língua, adquirindo o composto um sentido novo em relação a seus componentes.

Celso Pedro Luft² apresenta apenas dois processos de formação de palavras: **derivação**, em que se joga apenas com uma palavra, e **composição**, quando se combinam dois ou mais elementos. O processo **mudança de classe** é relacionado como **derivação imprópria**, de acordo com «alguns autores», conforme diz Luft, que vê esse processo «distinto dos enumerados, semântico, e não morfológico (não joga com afixos)».

Aspectos de discordância entre os autores, relativos à natureza do prefixo, também podem ser levantados. Said Ali, em **GRAMÁTICA HISTÓRICA DA LÍNGUA PORTUGUESA**, comenta a não demarcação da fronteira **derivação prefixal / composição**, porém coloca os prefixos entre os elementos da derivação. Assim também Celso Cunha,³ que argumenta sua posição com as palavras: «tanto os prefixos como os sufixos formam uma relação de sentido com o radical derivante, processo distinto da composição, que forma palavras, em geral dissociadas pelo sentido dos radicais componentes».

Já Mattoso Câmara, em **PRINCIPIOS DE LINGUISTICA GERAL**, chama os prefixos de semantemas subsidiários que se agrupam a um semantema principal. O autor esclarece melhor ainda a sua posição acatando uma antiga norma das nossas gramáticas, que separa o estudo dos sufixos do dos prefixos, sendo os últimos considerados elementos de composição.

Citarei apenas mais um aspecto que, no estudo dos processos de formação de palavras, poderia ser revisto: as formas de derivação com sufixos e prefixos. Digo formas por considerar diferente a agregação dos afixos em palavras como **infelicidade**, **felizmente**, de um lado, e **embarcadouro**, **abastecer**, de outro. Nesta última relação ocorre a **parassíntese** ou formação parassintética (agregação simultânea do prefixo e do sufixo), não reconhecida pela N.G.B.

Considerando as palavras que estudarei a seguir, creio necessário o esclarecimento, como já disse anteriormente, de alguns pontos relativos aos processos de formação de palavras que adotarei nesta análise. Tais pontos poderão ser deduzidos do quadro abaixo:

1. Composição

1.1. Aglutinação (composição perfeita)

1.2. Justaposição (composição imperfeita)

2. Derivação

2.1. Prefixal

2.2. Sufixal

2.3. Prefixal e Sufixal

2.4. Parassíntese

2.5. Imprópria⁴

2.6. Regressiva

A este quadro tradicional, acrescentarei o item

2.7. derivação por redução,⁶ em que se incluem categorias de palavras (não verbos) que sofrem redução, sendo que isso não implica mudança de classe. É o caso dos exemplos:

pneu (por pneumático),
cine (por cinematógrafo),
Sandra (por Alessandra),
portuga (por português),
Mi (por Milena),
Tine (por Cristine), etc.

Trata-se de um processo diferente da derivação regressiva, que implica resultado de ação e através da qual ocorre uma nova categoria, os deverbais. Exemplos:

falta (de faltar),
gasto (de gastar),
consumo (de consumir), etc.

III — BREVE ESTUDO DAS PALAVAS

— A —

- 1) **Arco-da-velha**: substantivo masculino. O mesmo que arco-íris. Indica também casos espantosos ou coisas inverossímeis: «Foi uma coisa do arco-da-velha».

Além de dois sentidos citados, mas, com um sentido relacionado ao segundo acima mencionado, em Turmalina, o termo refere-se ainda à pessoa (criança especialmente) impossível, traquinas, capaz de realização surpreendente: «Este menino é do arco-da-velha!».

Palavra de formação vernácula, composta por justaposição.

- 2) **Alvorçado (a)**: adjetivo masculino (e feminino) que significa agitado, entusiasmado, apressado.

Na cidade mencionada esse adjetivo aparece ligado ao substantivo animal (animal alvorçado) ou ao animal específico — vaca alvorçada,

cabra alvoroçada — indicando que ela (ou o animal) está no cio, na produção, no calor.⁶ É palavra oriunda de **alvoroçar** (que se origina do árabe *al/buruz*, pelo espanhol *alvorozo*), significando **mover, entusiasmar, etc.** Mas é no sentido de **inquietar o ânimo** (por paixão, susto, alegria, etc.) que o termo (equivalente a **no cio**) se aplica.

Alvoroçado: participio passado do verbo **alvoroçar**, que se forma a partir de **alvoroço**.

- 3) **Arribar**: a bibliografia consultada indica que o termo é, há muito tempo, conhecido da língua. José Pedro Machado, em seu **DICIONARIO ETIMOLÓGICO DA LINGUA PORTUGUESA**, nos diz que **arribar** não parece fórmula genuína: «creio tratar-se de vocábulo imposto pelo castelhano (**arribar**)». Já o **GRANDE DICIONARIO DA LINGUA PORTUGUESA**, de Moraes e Silva, atesta a origem do verbo (transitivo e intransitivo) na locução adverbial **a riba**: **levantar a riba, alar a cima**. No Ceará é de uso popular corrente o emprego desse verbo como **levantar, fugir em desabalada carreira**, sendo que **riba** faz parte da frase **em riba das buchas**, isto é, **incontinenti**. Na obra, **A LINGUA DO BRASIL**, Gladstone Chaves de Melo indica **arriba** como pertencente ao dialeto interamnense.

Na região em que os vocábulos foram colhidos, o emprego do verbo está quase restrito à área rural, com o significado de **levantar**. Entretanto, a frase «A Paula tem mania de ficar **arribano** (por **arribando**) a roupa da gente!» foi, em julho de 81, proferida por uma menina de 10 anos, nascida e residente na área urbana. Cremos tratar-se (sincronicamente) de um vocábulo resultante de formação parassintética, ou seja, **a+riba+ar**.

- 4) **Assinatura**: substantivo feminino. **Ato ou efeito de assinar; o nome escrito, firma, etc.** Moraes e Silva atesta como **brasileirismo**: **abrir assinatura, intrigar, passar descompostura**.

Em Turmalina, mais precisamente na zona rural, é bastante pitoresco o emprego de **assinatura** indicando **esposa, mulher**. A esse emprego deve-se ligar o fato de a mulher, ao se casar, ser portadora do sobrenome do marido, daí, por extensão de significado, ser sua **assinatura**.

Palavra derivada por sufixação (do radical do particípio passado do verbo assinar (lat. assignatus+o sufixo-ura).

- 5) **Assuntar:** de assunto+ar, este verbo, intransitivo ou transitivo direto, é brasileiro de larga aplicação: **dar ou prestar atenção, observar:** «Assuntando bem, era silêncio, mas uma surdina, música de insetos...» (Afrânio Peixoto, *Sinhazinha*); «...ia para a loja de seu Bernardino, ficava assuntando os fregueses que por ali faziam ponto (Autran Dourado, *O Risco do Bordado*, p. 14). **Considerar, meditar, espreitar:** «Assuntaram algum tempo, mas ouviram logo outro ruído igual» (Afonso Arinos, *Pelo Sertão*, pág. 131).

Com esse mesmo significado, **refletir, pensar**, é que o verbo é empregado na zona rural de Turmalina: «Ele assuntou, assuntou e depois não disse nada».

— B —

- 6) **Bestunto:** substantivo masculino de uso familiar que significa **juízo, cachola, cachimônia**. Popularmente indica **cabeça de pouco alcance, juízo curto**. Século XIII: «Este meu tal, e qual pouco bestunto, o trago prenhe sempre e recheado (de soberbas idéias)». Correia Garção, **OBRAS POÉTICAS**, p. 194, ed. 1778.

Em Turmalina, o termo é ainda usado, mesmo na área urbana, mas no feminino, talvez por analogia com as palavras femininas: **cabeça, idéia**. O fato é que seu emprego, pelo menos nas muitas vezes já ouvidas por mim, não lembra o significado popular mencionado acima, apenas o de **cabeça, juízo, idéia**:

- «Por que não fez o arranjo?
- Estou sem bestunta» (bistunta).
- «Ontem me deu na bestunta de visitá-lo».

Segundo Antenor Nascentes, trata-se de formação burlesca de **besta+o sufixo-unto**, portanto, palavra derivada por sufixação. Prefiro, porém, considerar o termo um vocábulo primitivo, uma vez que a associação com **besta** só aparece no emprego popular da palavra.

- 7) **Briquitar**: verbo intransitivo. Brasileirismo que significa **trabalhar, pelear, lidar** (com algum serviço): «Obrigado a entrar briqueando de sol a sol», Afrânio Peixoto, **FRUTA DO MATO** pág. 216.

Ainda no sentido de **labuta, peleja, trabalho**, é usado em Turmalina, especialmente pela gente rural, o termo **briquiteira**, que acredito ser derivado regressivo de **briquitar**, verbo de uso até das pessoas da zona urbana.

— C —

- 8) **Cacunda**: substantivo feminino. Amadeu Amaral, em **O DIALETO CAIPIRA**, faz a indagação: «Trata-se de origem africana ou é simples corruptela de **corcunda** passando por **carcunda**?» Morais e Silva indica: **brasileirismo, corruptela de carcunda, costas, dorso**: «...agarro uma vara... e lhe sacudo a poeira da **cacunda**». Valdomiro Silveira, **CABOCLOS** 36, 3a. ed. Em sentido figurado o termo é empregado como sinônimo de **consciência, responsabilidade**: «Um já tinha algumas mortes na **cacunda**». Afrânio Peixoto, **FRUTA DO MATO**, 154. Esse sentido é relacionado por Antenor Nascentes, em **TESOURO DA FRASEOLOGIA BRASILEIRA**: **ter na cacunda (mortes), ter na consciência**.

Todos esses empregos são comuns na cidade referida. Ainda é interessante que, quando lá se diz: «Pôs a criança na **cacunda**», o termo em questão, **cacunda**, não indica **dorso, costas**, mas **braços**. No entanto, em «Carregou o saco na **cacunda**», entende-se, precisamente, **costas**, e não, **braços**.

- 9) **Chanhar**: verbo de emprego intransitivo. O vocábulo não se encontra relacionado em nenhuma das obras consultadas.

Na região considerada, o emprego mais comum desse verbo é no gerúndio ou no infinitivo: «Aqueles dois andam **chanhando** muito»; «Parem de **chanhar**». Emprega-se também o déverbal **chanha**: «Que **chanha** é essa?» Semanticamente, relaciona-se a **xamegar, acarinhar**, etc.

- 10) **Consolador**: adjetivo oriundo do latim **consolator**, significando **que consola, próprio para consolar**: «Espírito Santo Consolador...» Damião de Góis, Crônica de D. Manuel III, Cap. 60.

Quanto ao emprego do termo **consolador** como substantivo masculino, indicando **bico, chupeta** (encontradiço em Turmalina) parece tratar-se de um caso de derivação imprópria, ou possivelmente uma metonímia.

- 11) **Destampatório**: substantivo masculino de origem obscura, segundo Antenor Nascentes. Morais e Silva filia o termo a **destampar (des+tampar)**. O termo é familiarmente empregado com o sentido de **gritaria, alarido**: «Tanto salamaleque... tanto destampatório, chegam a empanar as glórias dignas de consideração». Ricardo Jorge, **SERMÕES DUM LEIGO**, 322. Antenor Nascentes informa que, para João Ribeiro, **FRASES FEITAS**, I, 1980, **distampatório** (ou **dispautério**) é variante sugerida pela locução mais literária «**que dispautério**». Esse substantivo encontra-se registrado em **ENFERMIDADES DA LINGUA**, 116. O mesmo dicionarista acrescenta que A. Coelho liga **destampatório** ao verbo **destampar** acrescido do sufixo **-tório**, não se percebendo a filiação com **tampa**.

Em Turmalina, o termo é familiarmente empregado como acima, isto é, equivalente a **alarido, escarcéu**. Parece-me que a sua filiação à palavra **tampa** é percebida por outro uso, também familiar na região, que é o emprego figurado de **destampar** em situações como essa: «Ele **destampou** (**distampou**) a falar besteira».

- 12) **Duda**: substantivo feminino. O mesmo que **indecisão, incerteza**. Morais e Silva, em seu **GRANDE DICCIONARIO DA LINGUA PORTUGUESA**, afirma ser o termo um provincianismo alentejano.

Na região turmalinense o vocábulo é usado, sempre, na construção sujeito + verbo (ter ou dar) + objeto: **duda**. O seu sentido equivale a **ataque, desmaio**, relacionando-se, nesse caso, com a idéia de **não saber** que integra o verbo **duvidar** e que envolve as pessoas, quando estas perdem os sentidos.

Dúvida: é derivado regressivo de **duvidar** que, no caso em questão, sofreu a desproparoxitonação, com a síncope da sílaba medial. Esse fenômeno não é, aliás, estranho à língua, uma vez que é fartamente documentado, não só na evolução do latim para o português (**mancha** < **macula**; **ilha** < **insula**; **aprender** < **apprehendere**; **livre** < **libero**), como também nos nossos falares regionais: **cosca** (por **cócega**); **pesco** (por **pêssego**); **abobra** (por **abóbora**) e na linguagem coloquial espontânea.

- 13) **Emblema:** substantivo masculino. Do latim **emblema: figura, sinal aparente, convencional, simbólico, ornato em relevo, etc.** O uso de **emblema** designando **namorado** nos remete à idéia dessa palavra como «o que se tornou a representação simbólica de alguma idéia abstrata», segundo **Morais e Silva**. No caso, **emblema** (= **namorado**) nada mais é do que a representação simbólica da idéia mais abstrata, **amor**: «A Iris tá na janela com seu emblema!»
- 14) **Espiritar:** verbo transitivo direto. Tem o sentido de **endemoniar, tornar endiabrado, etc.** Século XVI: «...pedindo a nosso Senhor que spiritasse nos juyses que não julgassem a governança...», **Cas. VII, cap. 50, p. 127.** «Havia dois (minotauros) que espiritavam a galhofa de Mechior Pimenta». **Camilo, O QUE FAZEM MULHERES, cap. 10.104.** No Ceará, onde tem uso popular corrente, conforme **Florival Serraine, em DICIONARIO DE TERMOS POPULARES,** o verbo é empregado passivamente, **espiritar-se,** com o sentido de **danar-se, enfurecer-se.**

Nos primeiros sentidos antes indicados, isto é, **excitar, tornar irrequieto,** é que esse verbo é empregado no município considerado. De polissílabo, mediante síncope, o vocábulo passa a trissílabo, com a pronúncia **espiritar.** Também a forma **espiritado,** isto é, **enfurecido, irrequieto** é conhecida na mesma localidade: «Aquela menina está espiritada».

Palavra verbalizada a partir do substantivo **espírito.**

- 15) **Estrangolado (a):** na bibliografia pesquisada este adjetivo não se encontra registrado. Acredito seja uma variante de

estrangulado, derivado de **estrangular**. A acepção em que é empregado — **desajeitado, desarrumado** — induz à imagem visual do animal ou pessoa estrangulada: sem controle dos membros, desajeitado, desarmonioso. Cognatos desse adjetivo, são conhecidos e usados os substantivos **estrangolamento** e **estrangolo**, derivado por sufixação e derivado regressivo, respectivamente: «Aquele menino anda num estrangolamento!»; «Que estrangolo é esse, menina?»

— F —

- 16) **Fonção**: substantivo feminino. Forma alterada de **função** (do latim *functione*), que significa **cumprimento, tarefa**, etc. Moraes e Silva, Amadeu Amaral e Florival Serraine, respectivamente em **GRANDE DICCIONARIO DA LINGUA PORTUGUESA, O DIALETO CAIPIRA** e **DICCIONARIO DE TERMOS POPULARES**, registram essa forma como indicadora de **festa plebéia, dança, fandango, divertimento das classes baixas, suburbanas ou rurais**: «A mimosa era uma rameira muito rasca, que andava de função em função a oferecer os seus mimos por uma perra chica». Aquilino Ribeiro, **UMA LUZ AO LONGE**, cap. 9, 174. Amadeu Amaral, na mesma obra acima citada, fala da existência da alteração **função > fonção** no norte do país. Refere-se também ao achado de Taunay, **fonçanata**, com significação semelhante.

Não só pela gente rural de Turmalina, como também pela urbana, o termo **fonção** é empregado, significando **festa realizada na roça** e para o povo da roça. Nessa localidade, **fonção** é sinônimo de **borá**.

- 17) **Frojocar**: de emprego transitivo direto, esse verbo não se encontra registrado na bibliografia que consultei para fazer esse trabalho. A professora Ivana Versiani se pronunciou a respeito do termo dizendo que **frojoca** (substantivo) é usado por Guimarães Rosa, em **SAGARANA**. A referida professora também nada encontrou a respeito de **frojoca**: «— Bem, pelo amor de Deus, vocês parem com isso, que eu não gosto de **frojoca** com o meu nome no meio».⁷

Com o sentido de **fazer rapidamente, criar, inventar, mexer**, é que o verbo é empregado em Turmalina: «Que que você tá frojocando aí?», «Em dois minutos eu frojoquei esse vestido».

Seria frojocar derivado de frojoca+ar? ou frojoca é que seria deverbal de frojocar?

— L —

- 18) **Lambazado (a)**: adjetivo masculino (feminino). O mesmo que **sujo, mal-vestido**. Florival Serraine cita, em seu dicionário, o adjetivo **lambuzão**, que apresenta igual significado, isto é, **porcalhão**, que faz serviços mal-acabados ou de mau gosto. Parece que **lambazado** é derivado por sufixação de **lambaz (guloso, comilão) + ado**.

Em Turmalina, diz-se que alguém é lambazado, quando ele se apresenta com vestes mal-arranjadas, desmazelado.

- 19) **Lambança**: substantivo feminino. O mesmo que **desordem, barulho, conversa fiada**: «Pois eu foi de um sono. Vá lá que não fizeste lambança, que não bateste por aí com os cornos!». Tomás de Figueiredo, **NÓ CEGO**, 140. Segundo Morais e Silva, trata-se de um brasileirismo, significando **basófia, jactância, trapaça, (MG)**.

No local em pauta, o emprego do termo se prende à idéia de **bagunça, desordem, confusão**, e o indivíduo que faz lambança é **lambanceiro**.

Amadeu Amaral sugere a sua origem no espanhol **alabanza**, porém Silveira Bueno, em **GRANDE DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO — PROSÓDICO DA LINGUA PORTUGUESA**, nega essa etimologia e indica a possibilidade de o termo ser «criação da gíria, baseando-se no verbo **lamber** ou em **lambiança**, derivado disfêmico de **lábio, lábia+ança**, sufixo próprio de nomes abstratos».

- 20) **Laprego**: dessa palavra não encontramos nenhum registro.

Nos contatos observados em Turmalina, o termo é substantivo masculino e indica **agarramento, carinho** de pessoas enamoradas: «O Pedro e a Martinha andam num laprego!...»

— 23 —

Talvez seja derivada de **labro (lábio) + ego** (com o ensurdecimento do b).

- 21) **Latomia**: substantivo feminino. **Brasileirismo**: **lamentação, choradeira, falação**. É palavra de origem latina (**latomia**) pelo francês **latomie**: «Quanta latomia por tão pouca coisa!».

— M —

- 22) **Maromba**: substantivo feminino. Variante de **maroma**: **cordão**. Em sentido figurado indica **posição sustentada dificilmente**: «Transportou nas redondezas a feia maromba daqueles amores», Monteiro Lobato, **URUPÊS**, 136. **Brasileirismo** que indica situação **dúbia de quem não quer se definir**.

Em Turmalina, o vocábulo é empregado figuradamente (conforme se indicou acima), como sinônimo de **desânimo, preguiça** (registrado por Moraes e Silva como provincianismo) e ainda no sentido do **brasileirismo mutirão**, isto é, agrupamento de pessoas que se reúnem para os serviços da primeira capina: «Na fazenda do seu Zuza vai haver maromba»; «Hoje eu estou numa maromba!».

- 23) **Mussungar**: não encontrei nenhum registro desta palavra.

Na região turmalinense, o uso do termo se prende à idéia de **pegar desajeitadamente, grosseiramente; amassar, amarrotar**: «Chega pra lá, você tá mussungando minha roupa».

Talvez seja palavra composta pelos elementos **tupis mussú (peixe) + ungå (apalpar)**.

— O —

- 24) **ObrigaçãO**: substantivo feminino. O mesmo que **ocupaçãO...** Moraes e Silva registra: «pessoas das relações de alguém, pessoas de família...». Esse termo designa exatamente **família**, na linguagem sertaneja, rural, de acordo com Florival Serraine. «Nossa Senhora, como vai e mais a sua obrigaçãO?» Raul Brandão, **ILHAS DESCONHECIDAS**, 183. Como **brasileirismo** indica **mulher, esposa ou amásia**. «Passa por ser a obrigaçãO de Benedito», Afrânio Peixoto, **FRUTA DO MATO**, 114. «A minha obrigaçãO era viúva quando nos casamos». Alfredo Taunay, (cit. de Carlos Teschauer, Dicionário, S-V).

— 24 —

Na região de Turmalina esse brasileirismo está restrito à área rural. Acredito que tem seu significado associado à idéia antiga e machista de que a mulher, ao casar, passa a ser domínio do homem, parte de suas obrigações: «Dr. Leo, como vai sua obrigação?».

Palavra primitiva, que tem sua origem no latim *obligatione*.

- 25) **Otuso(a)**: adjetivo masculino e feminino. Figuradamente o mesmo que **obtusos**, **embotados**, **cansados**, **pouco penetrantes**, **estúpidos**, **tapados**, **fechados**. **Otuso** é brasileirismo significando **atrapalhado**, **perturbado**, **hesitante**: «Ora, tá aqui uma coisa que me deixa meia obtusa», Valdomiro Silveira, **OS CABO-CLOS**, 31.

No município considerado, o termo é sinônimo de **pensativo**, **preocupado**, **fechado**, etc. Vem do latim *obtusus*, que, segundo Moraes e Silva, entrou no léxico, por via culta, no século XVI, sofrendo depois, em algumas regiões, síncope do b.

— R —

- 25) **Rudo(a)**: adjetivo masculino e feminino. O mesmo que **rude**: **que não está trabalhando**, **ignorante**. A antiga forma portuguesa *rudo* e o castelhano *rudo* postulam, segundo José Pedro Machado, a existência, na Hispânia, de uma forma *rude*. É do século XIII o exemplo: «Podes quanto quizeres fazer, mas ant'eu morrerei, vilão, falso, rudo». Sta. Maria, R. 37, Vol. II, pág. 342. Esse mesmo dicionarista afirma que o uso de **rudo(a)** por modernos se justifica pela influência literária de autores antigos: «este povo das cidades... é, além de ignorante... e rudo...». Antero de Figueiredo, **D. SEBASTIÃO**, cap. 1, p. 92.

Em Turmalina, o termo é usado na zona rural e qualifica a pessoa de pouca inteligência, que tem dificuldade de compreender e aprender as coisas.

- 26) **Urudo(a)**: na bibliografia adotada o termo não tem registro. O seu emprego na região mencionada é adjetivo (masculino e feminino) significando **endinheirado, rico**. Parece-me derivado de **ouro**, ou melhor, da sua variante popular **oro+o** sufixo-**udo**, que significa **provido de, cheio de**. Exemplo: «Tá tudo aqui. Já tou urudo!»⁸

CONCLUSÃO

Não é necessário mencionar o prazer que me proporcionou a realização deste trabalho, embora esteja consciente de seus inúmeros defeitos.

Esses foram especialmente motivados pela minha pouca «criatividade» na explicação das palavras para as quais a bibliografia consultada não fornecia dados, ou, se os fornecia, esses eram insuficientes.

Pudemos constatar, no entanto, que a maioria das palavras estudadas é comum às várias regiões do interior do Brasil, o que, de certa forma, torna mais expressivas as palavras de Gladstone Chaves de Melo⁹ a respeito da língua do Brasil: «De Minas não falo, porque tenho tomado a sua linguagem popular como pauta, como **denominador-comum**».

O fato é que, no domínio de uma língua, muitas diferenças, especialmente nas áreas de vocabulário e de pronúncia, se misturam, ocupando várias regiões de um mesmo território. E continuarão mesclando-se umas às outras, em todas as direções.

NOTAS

1. Gramática Fundamental da Língua Portuguesa (1968).
2. Moderna Gramática Brasileira (1976).
3. Manual de Português, terceira e quarta séries ginasiais, página 174.
4. Importante a posição de Said Ali na Gramática Histórica da Língua Portuguesa: «...A mudança de sentido e de função que sofrem as palavras examina-se em outras partes da gramática e... deverá chamar-se **semântica e não derivação**».

5. Esse acréscimo se deve à influência da Professora Clara Grimaldi Eleazaró.
6. Expressões também comuns, na região, para indicar que o animal está no cio.
7. Exemplo extraído do conto «O Burrinho Pedrês».
8. Esse exemplo foi ouvido, em janeiro de 82, no mercado municipal de Turmalina. É a resposta de um feirante a outro que indagava a respeito do dinheiro das vendas.
9. A Língua do Brasil (1975).

BIBLIOGRAFIA

- AMARAL, Amadeu (1976). **O Dialeto Caipira**. São Paulo, Hucitec.
- AULETE, Caldas (1958). **Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Delta.
- BARBOSA, Pe. A. Lemos (1967). **Dicionário da Língua Tupi**. Rio de Janeiro, Livraria São José.
- BUENO, Francisco da Silveira (1974). **Grande Dicionário Etimológico-Prosódico da Língua Portuguesa**. São Paulo, Ed. Brasília Ltda.
- CÂMARA, Jr., J. Mattoso (1975). **Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis, Rio de Janeiro, Editora Vozes Ltda.
- (1968). **Dicionário de Filologia e Gramática**. Rio de Janeiro, J. Ozon Editor.
- COUTINHO, Ismael de Lima (1977). **Pontos de Gramática Histórica**. Rio de Janeiro, Livro Técnico.
- CUNHA, Antônio Geraldo da (1978). **Dicionário Histórico**. São Paulo, Edições Melhoramentos.
- GALÉRY, Ivana Versiani (1969). **Os Prefixos Intensivos em Grande Sertão: Veredas**. Belo Horizonte.
- HOLANDA, Aurélio Buarque de (1975). **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira.
- MACHADO, José Pedro. **Dicionário da Língua Portuguesa**.
- MELO, G. Chaves de (1975). **A Língua do Brasil**. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas.
- NASCENTES, Antenor (1966). **Tesouro da Fraseologia Brasileira**. Rio de Janeiro, Livraria Freitas Bastos.
- NASCENTES, Antenor (1955). **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica.

SAID ALI, M. (1971). Gramática Histórica da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Ed. Melhoramentos.

SERRAINE, Florival (1959). Dicionário de Termos Populares. Rio de Janeiro, Simões Editora.

SILVA, Morais e (1950). Grande Dicionário da Língua Portuguesa.

SILVA NETO, Serafim da (1979). História da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Presença.